

**EXPERIÊNCIA ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA:
A COMPREENSÃO DO RIO DE JANEIRO DA BELLE ÉPOQUE
POR OLAVO BILAC**

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima (UNIGRANRIO)

jpineiro@unigranrio.edu.br

Jéssica Carvalho (UNIGRANRIO)

RESUMO

Este trabalho tem como proposta analisar a perspectiva de Olavo Bilac sobre a cidade do Rio de Janeiro, nos primeiros anos dos 1900. A partir de um projeto maior, que trabalha comparativamente dois importantes autores que escreveram sobre a História Urbana da Cidade do Rio de Janeiro durante os anos chamados de *Belle Époque*, a saber, João do Rio e Olavo Bilac. A intenção é, então, perceber como este autor, em especial, estabelece em algumas de suas obras a relação do sujeito com a rua ao mesmo tempo em que vivem como homem comum no cenário urbano, investigando seus escritos literários, principalmente suas crônicas, com base no modelo de sociedade existente e como este cenário repercute em suas obras.

Palavras-chave: Literatura. História. Olavo Bilac. Rio de Janeiro. *Belle Époque*.

1. Considerações iniciais

O objetivo central deste texto é divulgar parte da pesquisa “João do Rio e Olavo Bilac e suas apreensões sobre a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX: Uma experiência entre história e literatura para a formação de leitores e escritores no CAP/UNIGRANRIO”, apoiada pela UNIGRANRIO/FUNADESP, que resultou em três propostas de iniciação científica: a primeira, de mesmo nome do Projeto central, em 2016, também apoiada pela UNIGRANRIO/FUNADESP, que culminou na divisão entre as outras duas, no ano de 2017. A saber: “O Rio de Janeiro de João do Rio: Literatura e História como Questão” e “Experiência entre Literatura e História: A Compreensão do Rio de Janeiro da Belle Époque por Olavo Bilac”, ambas apoiadas pelo Santander Universidades, cujo aqui vamos nos debruçar.

Nossa intenção é nos debruçarmos em uma análise bibliográfica e de fontes documentais, em especial, a imprensa, detalhando suas perspectivas entre a cidade e a interpretação dela, tendo como eixo central a comparação entre a literatura e a história.

Sendo assim, um dos objetivos desta pesquisa é, então, verificar como muitas transformações urbanas foram feitas ao longo da história da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, com a Reforma Pereira Passos (1902 a 1906) a fim de entender quais pontos permanecem e quais sofrem rupturas com o período atual.

No final do século XIX, e mais especificamente nos primeiros anos do século XX, atitudes como o “Bota-Abaixo” do Prefeito Francisco Pereira Passos (1902-1906), tornaram-se a grande questão do momento. Como afirmam Jayme Benchimol (1982), Jeffrey Needell (1993), entre tantos outros autores, este era um tempo em que a insatisfação com a situação física e sanitária das casas populares era recorrente e a preocupação se limitava em sanear a cidade para torná-la civilizada. Essa preocupação fazia com que cortiços e casas de pensões fossem eliminados do centro da cidade e seus moradores fossem transferidos para a periferia, ficando cada vez mais longe de seus locais de trabalho. (BENCHIMOL, 1982)

O refazer da cidade ao mesmo tempo em que tentava se aproximar da renovação urbana dependeu muitas vezes da destruição de alguns outros ambientes e da construção de moradias, como os cortiços que, conseqüentemente, aumentavam as epidemias pela falta de higiene e aglomeração de pessoas num pequeno espaço. Cabia ao governo a tomada de posição para se construir novas moradias que melhorassem as condições de habitabilidade da população menos abastada da sociedade.

Na política implementada no final do século XIX e início do século XX, então, a participação da população da cidade era um tanto fragmentada politicamente, ou seja, nem todos eram engajados numa política oficial. Aliado a isto, os governantes do Estado e a elite econômica implantavam medidas que não auxiliavam de nenhum modo a esse povo, pelo menos não de forma intencional, no sentido de preocupação com ele. Isto é notado por meio do Código de Posturas Municipais de 1890, que se apresentava de modo extremamente controlador.

É a partir destas concepções que muitos autores se destacam. O Rio de Janeiro, como capital do país, assumia de primeiro o caráter modernizador que se pretendia para a nação. A presença de intelectuais também era marcante. Nomes como Lima Barreto, Olavo Bilac, Machado de Assis, João do Rio, entre tantos outros, estavam, há muito, com seus olhares direcionados à cidade. Não só os intelectuais, mas também políticos empenhavam-se em acabar com os problemas urbanos:

seja o Prefeito Barata Ribeiro e sua erradicação do cortiço Cabeça de Porco no século XIX, Pereira Passos, com a marcha do Rio Civiliza-se! O Rio de Janeiro foi, por muito tempo, palco de grandes manifestações para e pelo urbano.

Destes intelectuais, dois se aproximam do compreender a cidade de forma bastante diversificada. Escrevem suas crônicas para jornais que demonstram rivalidades ideológicas e se caracterizam por movimentar a perspectiva da cidade de ordens diferentes: os apoiadores das reformas e os críticos a ela. Como exemplo, temos a intenção de mostrar João do Rio e Olavo Bilac. Sobre este último, traçaremos maiores considerações neste momento.

2. Bilac e a Kosmos

Olavo Bilac, nasceu em 16 de dezembro de 1865 e morreu em 16 de dezembro de 1918. Filho de Brás Martins dos Guimarães Bilac e de Delfina dos Guimarães Bilac. Foi poeta, escritor, cronista e jornalista, antes, porém, chegou a cursar medicina e direito, mas não concluiu ambos os cursos, o que promoveu rompimento relacional entre Olavo Bilac e seus familiares, já que os cursos eram vistos como principais e de alta escala na época.

O poeta dedicou-se inteiramente às letras, trabalhou como jornalista e cronista em quase todos os jornais e revistas importantes da época. Sua estreia na literatura, foi aos 23 anos, com o livro *Poesias*. Olavo Bilac era parnasiano, e fazia parte da tríade parnasiana formada por ele, Raimundo de Oliveira e Alberto de Oliveira. O parnasianismo tinha como características a culto ao poema, valorização da estética e a busca pela perfeição.

O poeta foi preso duas vezes por escrever poesias e crônicas contrárias ao governo de Floriano Peixoto, foi exilado em Minas Gerais, onde conheceu Afonso Arinos que foi um poeta realista e então a partir daí Olavo Bilac passa a tratar temas mais próximos da realidade, uma mistura de parnasianismo com realismo começa a ser utilizada pelo poeta. Em 1897, integra o grupo de fundadores da Academia de Brasileira de Letras. O cronista utilizava *pseudônimos* para assinar suas obras, ele utilizava nomes falsos não para ocultar sua identidade, mas sim para encarar um personagem que se pareça mediante à situação descrita na crônica ou na poesia. Olavo Bilac utilizava diversos pseudônimos, mas ele tinha al-

guns que usava com mais frequência. Dentre suas crônicas, destacamos aqui a análise de três delas.

Na Crônica sobre o ano de 1906, Olavo Bilac aponta o medo do ano de 1906 ser um ano medonho. O autor segue narrando situações trágicas na história: fome, mortes, alimentação com cadáveres, citando também a peste negra como uma das pragas que matou um terço na população da Europa, no século XIV. Muito característico do período da *Belle Époque* carioca, a preocupação com a questão do embelezamento e do saneamento da cidade. Medicina e arquitetura encontram-se no cenário urbano. Como escreve em sua crônica: “1906... Que haverá de misteriosamente fatídica e terrivelmente predestinado, na reunião destes quatro algarismos?” (BILAC, *Kosmos*, abril de 1906)

Paralelamente à reforma urbanística, impunha-se a reforma sanitária. Até 1850, o Brasil tinha a imagem de um país com razoáveis condições de saúde. Isto porque a Febre Amarela ainda não havia se disseminado neste país, enquanto matava um número considerável de pessoas em toda a Europa. Por causa do grande incentivo à entrada de imigrantes europeus no país, dando início à postura do ideal de embranquecimento, a erradicação da doença, impôs-se. “Conservadora do elemento africano, exterminadora do elemento europeu, a praga amarela, negreira e xenófora, (...) nos dava, aos olhos do mundo civilizado, os ares de um matadouro da raça branca”. (BODSTEIN, 1986, p. 42-43, *apud* CHALHOUB, 1996, p. 57)

Em outra crônica do mesmo ano, Olavo Bilac cita a expressão “Veneza num chinelo” ao valorizar a cidade do Rio de Janeiro, mostrando que a cidade italiana não pode ser comparada ao Rio. Num jogo interessante de palavras, aborda temas como patriotismo, “bairrismo”, exaltação a natureza.

“Veneza num chinelo!”, gritava um homem no *bond* [...] E havia tão grande commoção, tão vibrante patriotismo, – ou, melhor, tão entusiástico “bairrismo” na ardente exclamação d’aquelle carioca, que eu, apesar de conhecer e amar Veneza, não pude deixar de lhe dar razão. (BILAC, *Kosmos*, agosto de 1906).

Em janeiro de 1905, também nas páginas da *Kosmos* Olavo Bilac questiona o pequeno alcance da literatura no Brasil, muito em função do alto número de analfabetos, o que não permite que a literatura nacional, possuidora de grandes valores, uma classe literária e artística de qualidade reconhecida, porém pouco difundida. Olavo Bilac apresenta uma teo-

ria clara e objetiva pautada por informações coerentes, contudo não leva em conta o aspecto humano.

Estas duas crônicas explicitam que Olavo Bilac podia expressar tudo o que percebia e sentia da realidade, porém sem colocar seu nome e ser prejudicial à sua carreira literária e culta.

3. Considerações finais

Podemos compreender, então que se torna interessante estudar a história do Rio de Janeiro durante a primeira década do século XX através da literatura, já que podemos, a partir daí, trabalhar a relação entre o autor, sua obra e a cidade, analisando as questões que se põem entre o sujeito e a rua, através da Imprensa e ampliando os conhecimentos sobre as crônicas escritas por Olavo Bilac.

Pautado em estudos teóricos sobre uma vasta bibliografia a respeito da cidade como categoria, a história urbana e contribuição da literatura por meio de uma análise das obras literárias de Olavo Bilac, podemos pensar a relação entre o indivíduo e a rua, discussões feitas a partir de análise dos conceitos que perpassam o tema, além da observação da importância de algumas pesquisas no âmbito da Imprensa de época, bem como da necessidade de alguns arquivos específicos do tema urbano, evidenciando, aqui, a *Revista Kosmos*.

Cumprе ressaltar que o trabalho sobre a relação entre a história e a literatura nasceu da vontade de um projeto interdisciplinar entre as duas áreas, na tentativa de enquadrar questões já cunhadas num trabalho de pós-doutorado, bem como em projetos de pesquisa dentro do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da UNIGRANRIO, ratificado, principalmente, pela formação do grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos Urbanos: Redes, Narrativas, Subjetividades e Memórias (NURBS), espaço de discussão sobre a cidade e suas questões, envolvendo a Interdisciplinaridade como principal discussão do cenário urbano, o qual coordeno. Tal grupo nasceu da pesquisa feita como JCNE/FAPERJ e do encontro com outros pesquisadores e alunos do PPGHCA que discutem a questão urbana, bem como discentes de doutorado, mestrado e iniciação científica na instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de Almeida. (Org.). *Evolução urbana no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ZAHAAR, 1988.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. Martins Fontes: São Paulo, 1995.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. As transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, COPPE/UFRJ, 1982.

BODSTEIN, Regina Cele de Andrade. Práticas sanitárias e classes populares do Rio de Janeiro. *Revista do Rio de Janeiro*, vol. 1, n. 4, p. 33-43, 1986.

DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

DE CERTEAU, Michel. Andando na cidade. *CIDADE: Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n. 23, 1994.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*, vol. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

FOULCAULT, Michel. Espaço e poder. *CIDADE: Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n. 23, 1994.

LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro. *O cenário do progresso: A Escola Nacional de Belas Artes, o Teatro Municipal e a Biblioteca Nacional na Reforma Pereira Passos*. Dissertação (de Mestrado). Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1999.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura na virada do século*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

REVISTA História Viva, n. 4. Edição Especial Temática. São Paulo: Duetto, 2004.

REVISTA Kosmos (1905-1906).

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 1995. (Coleção Biblioteca Carioca). Disponível em:

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101365/alma_encant_ruas.pdf.

_____. *Dentro da noite*. São Paulo: Girafinha, 2008.

ROCHA, Oswaldo Porto; CARVALHO, Lia de Aquino. *A era das demolições: habitações populares*. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995. Disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101374/era_demolicoes_hab_pop.pdf>.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *João do Rio - a cidade e o poeta: o olhar do flâneur na Belle Époque Tropical*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

VALLADARES, Licia do Prado. A gênese da favela carioca; a produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 15, n. 44, p. 5-30, 2000. Disponível em:

<<http://hilaineyaccoub.com.br/wp-content/uploads/2016/06/Licia-Valladares-A-genese-da-favela-carioca.pdf>>.

VELHO, Gilberto. Memória, Identidade e Projeto. In: _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.